Artigo original Recebido em: 05/05/2020 Parecer emitido em: 25/05/2020

TAVARES, M.R.; PEREIRA, E.G.B.; A trajetória de Sandra Lima: a primeira líbero do voleibol brasileiro. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.19, n.03, p.7-15, 2020. ISSN; 1981-4313.

A TRAJETÓRIA DE SANDRA LIMA: A PRIMEIRA LÍBERO DO VOLEIBOL BRASILEIRO

Marcelo Ribeiro Tavares[1]
Erik Giuseppe Barbosa Pereira[2]
[1]Doutor em Urbanismo - PROURB/UFRJ e pesquisador no GECOS - EEFD/UFRJ
[2]Programa de Pós-graduação em Educação Física - PPGEF/UFRJ

RESUMO

O voleibol, esporte com mais de 120 anos de existência, se transformou muito nos últimos trinta anos e o Brasil tornou-se referência nessa modalidade. Uma das principais alterações foi no sistema de jogo, com a introdução de jogadores especialistas no ataque (oposto) e na defesa (líbero). O objetivo principal deste artigo, portanto, é descrever a trajetória da ex-jogadora Sandra Lima, a primeira líbero do Brasil, que começou jogando no nordeste brasileiro e defendeu a seleção nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), Seul (1988) e Atlanta (1996), dentre outras competições importantes. Através de pesquisa documental e entrevista realizada com a própria atleta, em 2014, analisa-se a inserção, a permanência e a atuação da atleta como líbero até o momento em que se aposentou das quadras. Verifica-se que a ex-jogadora assumiu a posição de líbero já no final de sua carreira, aos 33 anos, depois de atuar como central ao longo de toda a sua trajetória esportiva, que teve início no final dos anos 1970. Conclui-se que a trajetória da jogadora merece destaque não somente por ter atuado na seleção brasileira ao longo de vinte anos, mas também por conta de suas qualidades técnicas na recepção e na defesa que a levaram a ser a primeira atleta a atuar oficialmente pelo Brasil na posição de líbero, no mundial de 1998, que aconteceu no Japão.
Palavras-chave: Mulher. Voleibol. Líbero. Brasil.

SANDRA LIMA'S TRAJECTORY: THE FIRST LIBERO OF BRAZILIAN VOLLEYBALL

ABSTRACT

Volleyball, a sport with more than 120 years of existence, has changed a lot in the last thirty years and Brazil has become a reference in this modality. One of the main changes was in the game system, with the introduction of players specialized in attack (opposite) and defense (libero). The main objective of this article, therefore, is to describe the trajectory of ex-player Sandra Lima, the first libero in Brazil, who started playing in northeastern Brazil and defended the selection at the Los Angeles Olympic Games (1984), Seoul (1988) and Atlanta (1996), among other important competitions. Through documentary research and an interview with the athlete herself, in 2014, the insertion, permanence and performance of the athlete as a libero until the moment she retired from the courts is analyzed. It turns out that the ex-player assumed the position of libero at the end of her career, at the age of 33, after serving as a central throughout her sports career, which began in the late 1970s. The conclusion is that the trajectory of the player deserves to be highlighted not only for having worked in the Brazilian team over twenty years. But also because of her technical qualities in the reception and defense that led her to be the first athlete to officially play for Brazil in the position of libero, in the 1998 world cup, which took place in Japan.
Keywords: Woman. Volleyball. Libero. Brazil.

INTRODUÇÃO

No ano de 1998, algumas alterações nas regras, propostas pela FIVB (Federação Internacional de Voleibol) foram fundamentais para o desenvolvimento da modalidade: foi adotado o "rally-point system" com 25 pontos nos quatro primeiros sets e 15 pontos no "tie-break". Além disso, uma maior liberdade para os técnicos darem instruções, a mudança da cor da bola e a introdução do líbero também foram regras inseridas neste ano (SANTOS NETO, 2004).

Dentre essas modificações, a inserção do líbero trouxe forte impacto para o voleibol, uma vez que tornou o jogo mais agressivo e dinâmico. A agressividade fica por conta do aparecimento da posição de oposto, jogador que aparece com mais regularidade, para atacar bolas potentes, principalmente do fundo da quadra, uma vez que passou a existir um especialista em passe e defesa que liberou este jogador para o ataque. Já o dinamismo é protagonizado pelo líbero, que passa a substituir o jogador que atua como central, geralmente muito alto e com mais dificuldades para defender, depois que este efetua o saque e sua equipe perde o "rally". O líbero, portanto, permanece em quadra no lugar deste jogador nas passagens das posições 1, 5 e 6 – passando e defendendo – até que o mesmo volte para a rede.

Com a permanência em quadra aumentada, o líbero dinamizou o jogo de voleibol, sobretudo, com a melhora da recepção e o aumento das defesas que geram "rallys" mais longos e, consequentemente, geram mais emoção para as partidas, o que atrai mais público também. Desde quando a posição foi efetivamente introduzida na modalidade, o Brasil formou vários jogadores que se tornaram referência mundial nesta posição, como Fabiana Alvim (Fabi) e Sérgio Santos (Serginho), por exemplo. Ambos foram campeões olímpicos e possuem até o hoje o mérito de terem sido os mais premiados e conhecidos atletas a jogarem na posição de líbero.

Mesmo com o protagonismo incontestável de Fabi e Serginho, houve outros líberos que defenderam a seleção brasileira e que também merecem destaque, como Ricarda Lima, Camila Brait, Arlene Xavier, Suellen Pinto e Léia Silva pelo naipe feminino e Alan Souza, Mário Júnior, Thales Hoss e Maique Reis pelo naipe masculino. No entanto, os primeiros jogadores a atuarem nessa posição pela seleção brasileira foram Gilmar Teixeira (Kid) - pela seleção brasileira masculina - e Sandra Lima - pela seleção brasileira feminina -, no campeonato mundial de 1998, realizado no Japão.

Além de enaltecer os jogadores pioneiros que defenderam a seleção brasileira atuando na função de líbero, nosso objetivo com este artigo é descrever a trajetória da ex-jogadora Sandra Lima, a primeira líbero do Brasil, que começou jogando no Iate Clube Pajuçara de Alagoas e defendeu a seleção nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), Seul (1988) e Atlanta (1996), dentre outras competições importantes, através do depoimento da própria atleta.

MÉTODO

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, ou seja, "caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados" (RICHARDSON, 2008, p.90), de natureza exploratória e se apoiou nos recursos da História Oral para esclarecer e enriquecer os fatos levantados, a partir do cotejamento de documentos e registros diversos com a fala da entrevistada. Este estudo foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob o parecer nº 875.811 e a coleta de dados empíricos ocorreu em 2014.

Participantes

A pesquisa original é produto da dissertação de mestrado intitulada "Mulheres em manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980" (TAVARES, 2015) que contou com entrevistas a onze jogadoras da seleção. Os resultados fazem parte de publicações derivadas dessa pesquisa (TAVARES; MOURÃO, 2016; TAVARES; PEREIRA, 2019) e neste artigo destaca-se a trajetória da atleta Sandra Lima, uma das onze atletas entrevistadas à época.

Procedimentos

Os procedimentos utilizados nesta coleta de informações basearam-se na experiência da história oral na área esportiva. Cabe dirimir que é comum haver um entrelaçamento entre memória e história. Melo

et al., (2013, p. 161) esclarecem que memória é "uma produção do passado sob a luz da experiência vivida, das emoções, da subjetividade e parcialidade explícitas, que é constantemente reelaborada e transformada de acordo com questões do presente", ao passo que a história é "uma construção crítica sobre o passado, um relato produzido a partir de métodos definidos". Segundo os autores, as fontes orais, portanto, "apresentam memórias que devem ser trabalhadas pelos estudiosos a fim de produzirem história". Assim sendo, foi produzido um roteiro semi-estruturado com vinte e seis perguntas organizadas em três seções: (1) inserção, (2) permanência e (3) aposentadoria. Essas perguntas trouxeram "a presença do passado no presente imediato" da ex-atleta e garantiu um "sentido social à vida de depoentes e leitores", uma vez que "passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem" (MEIHY, 2005, p.19).

Análise de Dados

A fala da entrevistada foi ampliada com a literatura e reportagens da época. Na análise dos dados verificou-se que a configuração do roteiro de entrevistas dividido em três blocos foi fundamental para abranger a trajetória da ex-atleta durante os anos 1980, sem que se deixasse de ter a oportunidade da entrevistada discorrer sobre temas importantes, sobretudo, no que tange às mudanças de regras ocorridas em 1998 e que incorporou a posição de líbero ao jogo de voleibol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

INSERÇÃO, PERMANÊNCIA, ATUAÇÃO COMO LÍBERO E APOSENTADORIA

A inserção como jogadora

Ao abordarmos o tema da inserção de atletas no esporte verificamos que a escola e, principalmente, a família apareceram com destaque em boa parte dos relatos coletados, o que corrobora com os estudos de Simões; Bohme e Lucato (1999) e Vilani e Samulski (2002) sobre a influência dos pais ou da família na carreira esportiva de atletas:

> Qualquer que seja o papel atribuído à participação dos pais na vida esportiva dos filhos, a relação entre esses personagens deve ser cuidadosamente observada, já que a relação entre família, escola e prática esportiva estão estritamente ligadas ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade das crianças no esporte escolar (SIMÕES; BOHME; LUCATO, 1999, p.35).

No caso de Sandra Lima não foi diferente, uma vez que, segundo o relato da ex-jogadora, seus irmãos tiveram grande participação: "a minha família toda, os meus irmãos jogavam e o meu pai jogava voleibol, então foi isso que me levou a jogar: os meus irmãos mais velhos. Eu era a mais nova e todos eles saíam pra treinar e nessa eu fui junto. Eles pararam e eu continuei" (TAVARES, 2015, p.242). O início da carreira de Sandra, portanto, contou com a colaboração da família e as oportunidades oferecidas pela escola, como ela própria destaca: "foi dentro da escola que eu me interessei pelo voleibol", embora tenha participado de outras modalidades, pois havia na escola a prática de atividades e competições internas.

Os primeiros toques na bola, entretanto, foram ensinados quando ela tinha cerca de 7 anos, pelo seu primeiro técnico, o Tenente Madalena, ainda no Iate Clube Pajussara, em Maceió, local de muita familiaridade para a ex-jogadora, uma vez que seu pai e seus irmãos jogavam regularmente neste clube: "eu comecei a jogar, assim, a pegar, a brincar com a bola, já que eu acompanhava meus irmãos mais velhos e o meu pai, com sete anos. Então, eu ia para o ginásio e ficava brincando com a bola na parede" (TAVARES, 2015, p.242).

O início da carreira de Sandra Lima, portanto, foi cercado de muito incentivo por parte do pai e dos irmãos e também de muita afetividade pelo primeiro treinador, o Tenente Madalena, ainda no Iate Clube Pajussara, conforme ela mesma destaca: "tadinho, né? (risos). O nome dele era Tenente Madalena. Era ele que pegava as crianças, que ensinava" (TAVARES, 2015, p.243). Essa lembrança afetuosa da atleta resgata a importância da iniciação ser bem realizada, com doses equilibradas de carinho visando o desenvolvimento motor, conforme destaca Guiramand (2014, p.183): "desse modo, as manifestações de afetividade do treinador poderão ser decisivas para o resultado da aprendizagem e performance do movimento".

Mesmo demonstrando enorme carinho pelo primeiro treinador e reconhecendo a importância que ele teve naquele momento da sua trajetória esportiva, aos doze anos de idade, Sandra Lima precisou trocar

de clube para se federar e estabelecer novos desafios para a sua carreira. Desde que chegou ao CRB de Alagoas, a carreira de Sandra decolou: foi convocada para a seleção brasileira aos quinze anos para participar da seleção juvenil, que treinava no Rio de Janeiro, apesar de continuar jogando pelo CRB de Alagoas; então, ficava praticamente o ano inteiro fora de casa, a serviço da seleção brasileira e somente voltava para Maceió, sua residência, quando era liberada pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). Durante todo este período, o seu técnico foi Valter Laranjeiras, o Toroca, que atualmente é presidente da CBV. Segundo Sandra, por mais que o Toroca a ajudasse em Maceió, ela precisava estar no Rio de Janeiro, "então foi ele que convenceu a minha mãe e meu pai e de lá eu deslanchei" (TAVARES, 2015, p.248).

A permanência nas quadras

A chegada de Sandra Lima ao Rio de Janeiro, no início dos anos 1980 culminou com o incentivo do governo ao esporte nacional visando abrir a possibilidade de parcerias com a iniciativa privada a fim de beneficiar o esporte de forma geral. No caso do voleibol, a profissionalização era fundamental e segundo Valporto (2007, p.56) "só as empresas poderiam financiar esse custo, como já acontecia em países europeus e no Japão".

Mas a história desse período não foi nada fácil. Perguntada à atleta sobre como foi atuar naquela década, Sandra afirmou que "era muito difícil, a gente não tinha as facilidades que tem hoje. Eu acho que a gente, essa nossa geração de oitenta foi que realmente deu o pontapé para o que está acontecendo hoje e isso é uma coisa que infelizmente não é reconhecida" (TAVARES, 2015, p.243). Com os rumos da profissionalização chegando ao voleibol e embalada por este bom momento, Sandra Lima resolveu se mudar definitivamente para o Rio de Janeiro no ano de 1983 para integrar a equipe da Supergasbrás, ao lado de Vera Mossa, clube que defendeu por sete anos e pelo qual conquistou três títulos brasileiros. Além disso, a ex-atleta ressalta que teve a oportunidade de trabalhar com o mesmo técnico que dirigia a seleção brasileira:

Eu e a Vera [Mossa] fomos as duas únicas que iniciamos e fechamos a Supergasbrás, de 1983 a 1990; na época o Ary Graça era um dos diretores e o Ênio Figueiredo era o nosso técnico. Também na época era o técnico da seleção, então, assim a gente estava sempre todo mundo junto e isso foi uma coisa muito gratificante porque eu tinha o meu técnico do clube sendo o mesmo técnico da seleção. Não eram pessoas que a gente encontrava de vez em quando. Então a gente tinha muita ajuda (TAVARES, 2015, p.243).

> Os anos 1980 seriam mesmo um marco para a ascensão do esporte no mundo e no Brasil, o que acelerou o processo de profissionalização do esporte. Mas as diferenças entre os recursos oferecidos ao naipe masculino e feminino eram notórias:
>
> O negócio é que sempre teve essa diferença entre masculino e feminino. Mas é justo a CBV ter preferência pelo masculino por conta de resultados? Agora eu acredito que não tenha mais essa coisa porque primeiro tem dois técnicos que estão à frente: o Bernardinho no masculino e o Zé Roberto no feminino. Antes a figura dos técnicos não era tão forte assim" (TAVARES, 2015, p.253).

Se no início da vida como atleta as condições oferecidas eram "um tênis e um lanche", o ingresso do patrocínio estampado nas camisetas levou a um episódio emblemático que teve a participação da própria Sandra: a chamada "virada de camisa". Jacqueline Silva, levantadora à época, protestou sobre ter que usar a camisa com o nome de patrocinador sem ganhar nada por aquilo. Sandra conta que sempre que o patrocinador fazia fotos com as atletas uniformizadas, elas viravam o rosto. Isso causou irritação nos dirigentes e culminou com a expulsão de Jacqueline da seleção brasileira. Por outro lado, a partir desse episódio, as coisas começaram a mudar também:

> A partir daí a gente começou a receber alguma coisa. Não era nada assim grandioso que pudesse te sustentar pro resto da vida, mas já era um reconhecimento daquilo que a gente fazia, porque era uma briga e acho que continua até hoje dos clubes com a seleção. Os clubes te contratam e te pagam durante um ano. Você vai pra seleção e eles continuam pagando, então os clubes tentaram dar uma virada nisso "enquanto você estivesse servindo à seleção, a CBV teria que pagar", só que a CBV nunca fez isso e os clubes continuavam pagando, então a gente servia a seleção, por exemplo, dez meses e dois meses ao clube e o clube pagava o ano inteiro e os clubes sempre foram contra isso, sempre tentaram mudar e nunca conseguiram. Com relação a essa virada de camisa a gente falava "pô, a gente chega à seleção, coloca o uniforme do patrocinador, faz tudo pra CBV e não recebe nada?" Então foi daí que surgiu essa "não, vamos fazer um protesto, vamos começar a virar a camisa e ai vai ter uma foto" (TAVARES, 2015, p.249).

Ainda antes desses turbulentos períodos, Sandra Lima evoluiu muito tecnicamente e se tornou jogadora titular da seleção brasileira que disputou os Jogos Olímpicos de 1984 e 1988, sempre na posição de meio-de-rede. Apesar de ter 1,79m, altura considerada baixa para a posição, compensava essa condição com extrema velocidade de ataque e um fundo de quadra que chamava a atenção pela regularidade da recepção e volume de defesas. Estes atributos fizeram com que Sandra Lima fosse lembrada pelo técnico Bernardinho, quando este assumiu o comando da seleção brasileira em 1994, apesar de já estar com mais de trinta anos. Como a própria atleta declara, sua participação era importante não só nos jogos, mas nas etapas de treinamento, que antecediam jogos com seleções específicas:

> Quando treinava as meninas para jogar contra a China, Japão, Coreia ele botava a Sandra na rede porque eu possuía características parecidas com as das orientais. Então eu fazia e eu ainda brincava com ele "agora eu tô subindo pra fazer meio, né? Agora eu não sou mais fundo de quadra não, né?" Ele falava: "não, é porque você é parecida com as chinesas e japonesas, então você tem que ficar aí". E aí até noventa e seis eu só entrava pra fazer o fundo de quadra. E aí, no Grand Prix seguinte, depois da Olimpíada surgiu essa função de líbero (TAVARES, 2015, p.245).

Cabe lembrar que desde 1994, quando o técnico Bernardinho assumiu o comando da seleção brasileira feminina de voleibol, a geração de Sandra (Vera Mossa, Lica Oliveira e Ana Lúcia Barros, por exemplo) já não integrava mais a seleção, que agora contava com Ana Moser, Fernanda Venturini, Virna Dias e Márcia Fu entre outras bem mais jovens. Esta seleção trouxe a primeira medalha olímpica (bronze) conquistada por mulheres em esportes coletivos (TAVARES; MOURÃO, 2016). O quadro a seguir ilustra os principais títulos obtidos pela atleta ao longo de sua trajetória pelos clubes:

Tabela 1 - Principais títulos obtidos por Sandra Lima.

CLUBE	TÍTULOS	PERÍODO
Iate Clube Pajuçara	Início da carreira	Desde 1970
CRB de Alagoas	1ª convocação para a seleção brasileira	A partir de 1978
Supergasbrás	Tricampeã brasileira e duas vezes vice-campeã	De 1983 a 1990
Armazém das Fábricas	Participou do campeonato brasileiro	1990/91
Alianza Lima do Perú	Vice-campeã da Copa Sulamericana de Clubes	1991
Rioforte	Participou do campeonato brasileiro	1992/93
BCN	Vice-campeã da Superliga e campeã Copa Sul de Clubes e Copa Brasil	1994/95
Solo Tietê	Campeã Sulamericana de Clubes	1995/96
Rexona	Vice-campeã da Superliga	1997 a 1999
Vasco da Gama	Vice-campeã da Superliga	2000/01

Fonte: elaborada pelos autores.

O técnico Bernardinho, ao convocar Sandra Lima para integrar a seleção brasileira àquela época, queria uma atleta experiente e tecnicamente boa para organizar o fundo de quadra da seleção, conforme destaca a ex-jogadora: "por três anos consecutivos eu fui eleita a melhor defesa, entendeu? Então, ele me chamou porque ele achou que na seleção faltava essa atleta que fizesse o fundo de quadra e eu aceitei. Foi um desafio" (TAVARES, 2015, p.245). No entanto, Bernardinho sabia que o jogo de voleibol estava se modificando e que novas regras seriam incorporadas em breve, como realmente aconteceu.

A atuação como líbero – a primeira do Brasil

Ainda em 1996, depois de conquistar a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta, a posição de líbero foi finalmente testada no Grand-Prix de Shangai, conforme destaca Sandra Lima:

> E ai, no Grand Prix seguinte, depois da Olimpíada surgiu essa função de líbero. Primeiro surgiu como experiência e depois é que foi aprovada. O Bernardo me chamou e falou "olha, você é a que vai fazer pelo Brasil a experiência de libero". Então, eu fui a primeira libero do Brasil. Depois da experiência ter sido bem sucedida, a Federação Internacional instituiu a função e todos os países começaram a contar com uma líbero nas equipes (TAVARES, 2015, p.245).

Desde que foi convocada pelo técnico Bernardinho para voltar a atuar pela seleção brasileira, Sandra Lima conquistou alguns títulos importantes, como a BCV Cup, o Grand Prix de Shangai, além da inédita medalha de bronze, em 1996. Depois desses Jogos Olímpicos, Sandra Lima permaneceu na seleção brasileira contribuindo, sobretudo, com suas habilidades no fundo de quadra, exercendo a função de líbero que já havia sido testada pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) e tinha grandes chances de ser incorporada às regras.

Finalmente, em 1998, com 35 anos de idade, no Mundial do Japão, Sandra Lima teve a incumbência de ser a primeira jogadora a atuar na posição de líbero com a camisa da seleção brasileira em uma competição oficial, tendo em vista que em 1996, no Grand-Prix de Shangai, o evento foi apenas um teste. Neste ano, além da introdução do líbero, como já dito anteriormente, a bola passou a ser colorida, sobretudo para facilitar a marcação dos dois toques e os técnicos passaram a ter mais liberdade para darem instruções às suas equipes (SANTOS NETO, 2004).

Neste cenário de mudanças significativas ocorridas nas regras do voleibol, cabe ressaltar o aspecto físico de Sandra Lima, tendo em vista que a maioria das jogadoras da sua geração já estava aposentada. Um dos motivos dessa longevidade está atrelado à disciplina, que sempre norteou a sua trajetória esportiva: "eu fui uma atleta que graças a Deus não tive muita lesão, sempre fui uma atleta que me cuidei muito. Mesmo na época de férias, tanto da seleção quanto do clube, eu me cuidava, fazia o dever de casa" (TAVARES, 2015, p.246). A mudança de posição, porém, não foi uma simples estratégia de adequação para atender as novas exigências da modalidade; deixar a posição de central para atuar como líbero alterou a rotina de treinamentos e trouxe a certeza de que conviver com as dores era necessário:

> Várias vezes eu joguei com dor, mas pouca. Até mesmo quando eu comecei a fazer a função de libero, muito tempo com a lombar flexionada é uma coisa que eu sinto até hoje não tem jeito porque fica muito tempo flexionada. Quando eu atacava o joelho doía, o ombro também porque é muito salto ainda mais jogadora de meio que pula, pula, pula. Era muita sobrecarga, a gente tem que saber conciliar (TAVARES, 2015, p.252-253).

Após esta competição, Sandra Lima ainda permaneceu na seleção. Contudo, aos 35 anos, ficou difícil dar continuidade às exigências impostas pela posição de líbero e a ex-atleta se despediu da seleção brasileira, apesar de ter continuado a jogar pelos clubes por mais dois anos. O quadro a seguir recupera os principais títulos da atleta na seleção brasileira:

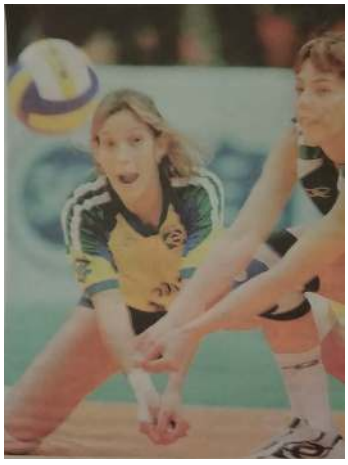
Tabela 2 - Principais títulos de Sandra Lima na seleção brasileira.

COMPETIÇÃO	COLOCAÇÃO	ANO
Campeonato Sulamericano	Medalha de Ouro	1981
Jogos Olímpicos de Los Angeles	7º Lugar	1984
Jogos Olímpicos de Seul	6º Lugar	1988
BCV CUP	Medalha de Ouro	1995
Grand Prix de Shangai	Medalha de Prata	1995
Copa do Mundo do Japão	Medalha de Prata	1995
Grand Prix de Shangai	Medalha de Ouro	1996
Jogos Olímpicos de Atlanta	Medalha de Bronze	1996
Campeonato Mundial do Japão	4º Lugar	1998

Fonte: elaborada pelos autores.

Sandra começou a considerar no fim dos anos 1990 que seu papel como atleta de seleção, que remonta ao final dos anos 1970, estava chegando ao fim. Mas isso estava longe de representar o fim do tempo como jogadora no voleibol, propriamente, mas apenas a preparação para iniciar um novo ciclo. Esse momento na carreira de qualquer atleta de alto rendimento é bastante significativo e envolve planejamento para a tomada de decisão que deve ser feita com base na percepção de cada atleta sobre suas condições físicas e motivacionais. Com Sandra não foi diferente. Mesmo que sua carreira tenha ganhado novo fôlego jogando como líbero, outros planos lhe vinham à mente.

Figura 1 - Sandra Lima (à esquerda) como líbero e Leila Barros no Campeonato Mundial no Japão (1998).



Fonte: Acervo Sandra Lima.

A aposentadoria

Novo milênio, inúmeras conquistas e eis que Sandra Lima resolveu aceitar o convite da técnica Isabel Salgado para atuar como líbero pelo Clube de Regatas Vasco da Gama. Apesar de ter o Clube de Regatas do Flamengo como principal adversário foi um período de conquistas importantes, como o Campeonato Carioca do ano de 2000 e o vice-campeonato da Superliga em 2001. Mesmo assim, a ex-jogadora destacou um lamentável episódio da sua carreira, protagonizado pelos dirigentes do Vasco, que simplesmente não pagaram os salários das atletas. Assim sendo, mesmo contrariada, foi obrigada a entrar na justiça para garantir o pagamento do seu salário e, dessa forma, ter abandonado o clube no meio da competição:

> (...) eu tomei a decisão de parar e entrei na justiça. Fui a primeira a entrar na justiça contra o Vasco. As meninas e a própria Isabel, que era a técnica reclamaram demais "pôxa, você não podia ter largado a gente no meio de um campeonato", mas naquela época, em 2000, a gente já estava começando a ter dois líberos e a Fabi estava lá para me substituir. Foi dali que ela despontou e ficou na seleção por tantos anos. Quanto ao Vasco, eu entrei realmente na justiça, foi difícil de receber, mas eu recebi (TAVARES, 2015, p.247).

Após este lamentável episódio, mais precisamente em 2002, depois de ter conquistado o vice-campeonato da Superliga pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, Sandra Lima já estava estabelecida no Rio de Janeiro e para continuar jogando teria que sair da cidade, uma vez que não havia clubes na capital carioca. A esta altura, porém, a ex-atleta já estava com quase quarenta anos e com novos planos para sua vida, conforme relata: "pra eu continuar jogando eu teria que sair do Rio de Janeiro e como eu tava com bebê de meses em casa eu botei na minha cabeça que era a hora de eu parar. Achei que já tinha dado tudo que podia para o voleibol brasileiro" (TAVARES, 2015, p.254).

O relato da ex-jogadora se coaduna com estudos referentes à aposentadoria de atletas de alto rendimento, que destacam o aparecimento de novos interesses associados à chegada da idade, o que interfere na continuidade da carreira, conforme salientam Agresta; Brandão e Barros Neto (2008, p.507), em estudo sobre consequências físicas e emocionais causadas pelo término da carreira: "Podemos verificar que a causa mais frequente relacionada à aposentadoria da amostra de atletas avaliados foi a idade avançada para a prática do esporte de alto nível, associada ao surgimento de outros interesses e motivação para mudanças no estilo de vida".

A motivação para adoção de um novo estilo de vida, certamente foi o fator decisivo para que Sandra Lima fizesse uma boa transição para a aposentadoria, pois "não teve nenhuma preparação e eu nem sofri tanto porque me dediquei ao papel de mãe: acabou um ciclo e começou outro", pois a atleta gostava de jogar, mas também queria se dedicar ao papel de mãe: "Conciliar as duas coisas é muito difícil. É uma coisa muito complicada a gente ser mãe e continuar na carreira que a gente tem, porque o voleibol como eu sempre joguei exige muito da gente, não é uma brincadeira" (TAVARES, 2015, p.246).

Em breve e significativo balanço sobre sua trajetória, Sandra considera-se bastante realizada. Alguns até podem pensar que as conquistas foram poucas, mas a atleta resume seu contentamento destacando o título sul-americano de 1981, disputado em Santo André/SP, quando a seleção brasileira pôs fim à hegemonia peruana:

> Pode não ter sido vitoriosa assim "ah, não ganhou medalha de ouro na Olimpíada", mas teve o Campeonato Sul-Americano que a gente não ganhava do Peru há muitos anos, eu estava lá. Eu era novinha naquela época ali, eu era reserva, era outra geração que estava ali, mas eu já estava entrando naquela geração (TAVARES, 2015, p.250).

Além disso, a ex-atleta assume que sente falta de jogar, mas tem a sensação do dever cumprido e isso foi fundamental: "Não vou dizer que não sinto falta porque eu estaria mentindo. Sinto, mas tem a sensação do dever cumprido e eu joguei até onde deu. Eu sinto saudade sim, mas é uma saudade boa", finaliza Sandra Lima (TAVARES, 2015, p.255).

A atleta revelou, por fim, que deixou de ser atleta, mas não deixou o voleibol totalmente. Hoje, Sandra atua como técnica da seleção feminina máster, que costuma treinar no CT de Saquarema, e ainda concilia com o papel de professora de vôlei para crianças da rede particular de ensino na cidade de Teresópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro. Além disso, coordena dois projetos sociais para o ensino de vôlei para jovens - nas faixas de oito a quatorze anos e na faixa de quinze a dezoito. Como finaliza a atleta, o amor pelo vôlei deixa raízes profundas, que se estendem e permanecem por toda a vida.

CONCLUSÕES

A recuperação da trajetória da atleta Sandra Lima visa destacar as conquistas obtidas por uma atleta nascida no nordeste brasileiro que superou as dificuldades impostas pelas próprias condições do esporte nacional, que nos anos 1970 ainda era amador. No entanto, a superação dessas dificuldades culminou com o fomento ao esporte por parte do governo brasileiro no início dos anos 1980, abrindo espaço para parcerias com a iniciativa privada, o que elevou o voleibol e outras modalidades esportivas ao patamar profissional.

Embalada pelo momento que o esporte atravessava no início da década de 1980, Sandra Lima se mudou para o Rio de Janeiro, desenvolveu suas potencialidades, conseguiu destaque na seleção brasileira principal e disputou os Jogos Olímpicos de 1984 e 1988. Após um período de afastamento, sobretudo pelo aparecimento de uma nova geração de atletas campeãs mundiais na categoria juvenil, Sandra Lima se tornou a única atleta de sua geração a retornar à seleção brasileira a convite do técnico Bernardinho.

Em 1996, ocupando uma nova função na equipe, a ex-jogadora conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta, primeira medalha olímpica conquistada por uma equipe feminina em esportes coletivos até então. Neste mesmo ano, após a Olimpíada, Sandra Lima é escolhida por Bernardinho para ser a primeira atleta a exercer a posição de líbero em um evento teste realizado na cidade de Shangai, na China.

Em 1998, houve mudanças efetivas nas regras da modalidade e Sandra Lima foi novamente a atleta escolhida pelo técnico Bernardinho para exercer a função de líbero, desta vez, em uma competição oficial: o Campeonato Mundial do Japão, no qual a seleção brasileira obteve o quarto lugar.

O percurso esportivo de Sandra Lima teve início ainda na década de 1970 e durou mais de trinta anos. Neste período, serviu à seleção brasileira desde as categorias de base até a categoria adulta, na qual participou de campeonatos sulamericanos, campeonatos mundiais, "Grand-Prix", Jogos Olímpicos, além de campeonatos nacionais e internacionais pelos clubes que defendeu.

Porém, antes do encerramento de sua carreira, como que para coroar uma trajetória esportiva vitoriosa, Sandra Lima se tornou a primeira atleta do voleibol brasileiro a defender a seleção exercendo a função de líbero, quando essa posição foi "inventada", ou seja, não havia precedentes para inspirações. Ter sido escolhida para atuar nessa posição reforça as inegáveis qualidades da atleta e domínio de um dos fundamentos técnicos mais difíceis – o passe. Desta forma, espera-se que as memórias invocadas neste

artigo, além de prestarem uma justa homenagem a esta ex-atleta de tanto talento, constituam-se também em insumos para a história, para o esporte brasileiro e para o voleibol feminino em particular.

REFERÊNCIAS

AGRESTA, M.C., BRANDÃO, M.R.F., BARROS NETO, T.L. Causas e consequências físicas e emocionais do término da carreira esportiva. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v.14, n.6, p.504-508, Nov./Dez., 2008.

GUIRAMAND, M. Estado do Conhecimento sobre a afetividade na aprendizagem na iniciação esportiva: influências da relação professor/treinador-aluno. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v.5, n.2, p.178-193, jul.-dez.,2014.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELO, V.; DRUMOND, M.; FORTES, R.; SILVA, J. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2008

SANTOS NETO, S.C. dos. A evolução das regras visando o espetáculo no voleibol. **Lecturas: educación física y deportes** – Ano 10, n.76, setembro, 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd76/volei.htm>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SIMÕES, A.C.; BOHME, M.T.S.; LUCATO, S.A. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista paulista de Educação Física**, v.13, n.1, p.34-45, 1999.

TAVARES, M.L.R.S. **Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980**. Juiz de Fora (MG), 2015. 311f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

TAVARES, M.L.R.S.; MOURÃO, L.N. **Mulheres em manchete**: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

TAVARES, M.L.R.S.; PEREIRA, E. **China atrás**: conversas com Ana Richa, Lica Oliveira e Sandra Lima. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

VALPORTO, O. **Vôlei no Brasil**: uma história de grandes manchetes. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VILANI, L.H.P.; SAMULSKI, D.M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI, G.E.; LEMOS, K.L.M. **Temas atuais VII:** Educação física e esportes. Belo Horizonte: Health, p. 9-26, 2002.

Agradecimentos à Professora Doutora Ludmila Mourão (UFJF/UFV), que orientou a dissertação que baseou esse artigo, e às agências de fomento pela concessão ao primeiro autor das bolsas de mestrado CAPES (PPGEFI/UFJF-UFV, 2013-2015), doutorado CAPES (PROURB/UFRJ, 2017-2020) e doutorado-sanduíche FAPERJ (CIAUD/Universidade de Lisboa, 2019-2020).

Universidade Federal do Rio de Janeiro, EEFD/UFRJ
Grupo de Pesquisa GECOS
Avenida Carlos Chagas Filho
Cidade Universitária
Rio de Janeiro/RJ
21941-599